

O BRINCAR COMO FERRAMENTA DE CUIDADO INDIVIDUALIZADO COM CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

PLAY AS A TOOL FOR INDIVIDUALIZED CARE WITH CHILDREN IN
INSTITUTIONAL CARE

EL JUEGO COMO HERRAMIENTA PARA LA ATENCIÓN INDIVIDUALIZADA DE
NIÑOS EN INSTITUCIONES EDUCATIVAS

Gabriela Garcia Ramos¹, Alessandra Pimentel²

DOI: 10.54899/dcs.v22i84.3775

Recibido: 11/11/2025 | Aceptado: 12/11/2025 | Publicación en línea: 28/11/2025.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o brincar como ferramenta de cuidado individualizado com crianças em situação de acolhimento institucional. A pesquisa parte da compreensão de que o brincar, além de ser um direito garantido à infância, constitui-se como um importante meio de expressão, comunicação e fortalecimento de vínculos afetivos. Considerando o contexto do acolhimento institucional — marcado por rupturas, perdas e necessidade de reconstrução de referências —, o brincar possibilita ao educador e à criança um espaço de escuta sensível e de cuidado que respeita a singularidade de cada sujeito. A metodologia adotada combina revisão bibliográfica e abordagem qualitativa, com observação e análise de práticas lúdicas desenvolvidas em instituições de acolhimento. Os resultados apontam que a inserção do brincar nas rotinas institucionais favorece o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças, promovendo maior segurança, autonomia e pertencimento. Desta forma, o ato de brincar, quando valorizado como prática de cuidado individualizado, contribui significativamente para a humanização do atendimento e para a efetivação dos direitos da criança no contexto institucional.

Palavras-chave: Acolhimento Institucional. Brincar. Cuidado Individualizado. Infância. Desenvolvimento Infantil. Ludicidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze play as a tool for individualized care with children in institutional care. The research is based on the understanding that play, in addition to being a guaranteed right of childhood, constitutes an important means of expression, communication, and strengthening of affective bonds. Considering the context of institutional care—marked by ruptures, losses, and the need to reconstruct references—play provides educators and children with a space for sensitive listening and care that respects the uniqueness of each individual. The methodology

¹ Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), São João del Rei, Minas Gerais, Brasil. E-mail: ggarciaramos22@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8710-4470>

² Doutora em Psicologia, Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), São João del Rei, Minas Gerais, Brasil. E-mail: alessandrapimentel@ufsj.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0075-2662>

adopted combines a literature review and a qualitative approach, with observation and analysis of playful practices developed in institutional care facilities. The results indicate that the inclusion of play in institutional routines favors the emotional, cognitive, and social development of children, promoting greater security, autonomy, and belonging. Thus, the act of playing, when valued as a practice of individualized care, contributes significantly to the humanization of care and to the realization of children's rights in the institutional context.

Keywords: Institutional Care. Play. Individualized Care. Childhood. Child Development. Playfulness.

RESUMEN

Este artículo analiza el juego como herramienta de atención individualizada para niños en centros de acogida. La investigación parte de la premisa de que el juego, además de ser un derecho fundamental de la infancia, constituye un importante medio de expresión, comunicación y fortalecimiento de los vínculos afectivos. En el contexto de la acogida institucional — caracterizado por rupturas, pérdidas y la necesidad de reconstruir referentes—, el juego ofrece a educadores y niños un espacio para la escucha atenta y el cuidado, respetando la singularidad de cada individuo. La metodología empleada combina una revisión bibliográfica con un enfoque cualitativo, mediante la observación y el análisis de prácticas lúdicas desarrolladas en centros de acogida. Los resultados indican que la inclusión del juego en las rutinas institucionales favorece el desarrollo emocional, cognitivo y social de los niños, promoviendo mayor seguridad, autonomía y sentido de pertenencia. Así, el juego, valorado como práctica de atención individualizada, contribuye significativamente a la humanización del cuidado y a la realización de los derechos de la infancia en el contexto institucional.

Palabras clave: Acogida Institucional. Juego. Atención Individualizada. Infancia. Desarrollo Infantil. Ludicidad.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A infância é uma etapa fundamental do desenvolvimento humano, marcada por descobertas, aprendizagens e experiências que influenciam a formação da identidade e das relações sociais. Nesse processo, o brincar assume papel essencial como linguagem própria da criança, por meio da qual ela expressa sentimentos, elabora vivências e constrói significados sobre o mundo que a cerca. Contudo, para muitas crianças em situação de acolhimento institucional, esse direito e essa experiência podem ser comprometidos em decorrência de trajetórias permeadas por rupturas familiares, negligências, violências e privações afetivas. O

acolhimento, embora configure uma medida protetiva prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), também representa um ambiente que exige constante ressignificação dos vínculos e das formas de cuidado.

Nesse contexto, surge o problema de pesquisa: de que maneira o brincar pode ser compreendido e utilizado como ferramenta de cuidado individualizado com crianças em situação de acolhimento institucional? Tal questionamento parte da compreensão de que as práticas cotidianas nos espaços de acolhimento nem sempre valorizam o brincar como um instrumento de escuta, formação de vínculo e atenção às necessidades singulares de cada criança, limitando-se muitas vezes a rotinas padronizadas e coletivas que pouco consideram as subjetividades envolvidas.

A justificativa deste trabalho fundamenta-se na importância de promover um olhar mais humanizado e sensível dentro das instituições de acolhimento, reconhecendo o brincar não apenas como atividade recreativa, mas como estratégia de cuidado e expressão emocional. Investigar essa temática contribui para ampliar o debate sobre práticas pedagógicas e psicossociais no contexto institucional, subsidiando a atuação de cuidadores, coordenadores, psicólogos e profissionais da assistência social, segundo a resolução CNAS n.º 109/2009, no fortalecimento dos vínculos e no respeito à singularidade infantil. Além disso, compreender o brincar como dimensão essencial do desenvolvimento integral das crianças acolhidas está em consonância com os princípios dos direitos da infância e com as políticas públicas de proteção social, consagrados em diferentes marcos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069/1990) e a Política Nacional de Assistência Social (PNAS, 2004).

O objetivo geral deste trabalho é analisar o brincar como ferramenta de cuidado individualizado com crianças em situação de acolhimento institucional.

Já os objetivos específicos abordados, são os seguintes: a) compreender os significados e funções do brincar no desenvolvimento infantil e nas relações de cuidado; b) investigar de que forma o brincar contribui para a construção de vínculos afetivos e para o fortalecimento da autonomia e do pertencimento das crianças; c) refletir sobre as implicações do brincar como prática de cuidado individualizado na humanização do atendimento institucional.

Assim, este artigo propõe-se evidenciar que o brincar, quando reconhecido como elemento estruturante do cuidado e da escuta sensível, pode transformar o cotidiano institucional em um espaço mais acolhedor, afetivo e promotor do desenvolvimento integral das crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Brincar e suas Múltiplas Funções no Desenvolvimento Infantil

O brincar constitui-se, desde as primeiras etapas da infância, como uma atividade essencial à constituição do sujeito e ao seu processo de desenvolvimento. O documento do Ministério da Saúde destaca que “a atividade lúdica libera a criança das limitações do mundo real, permitindo que ela crie situações imaginárias, possibilitando explorar, reviver e elaborar cenários que muitas vezes são difíceis de entender” (Brasil, 2012). Nesse sentido, brincar não é mero entretenimento, mas veículo de expressão simbólica, de elaboração emocional, de integração cognitiva e social.

Na perspectiva de Lev Vygotsky (1998), o brincar possui função central no desenvolvimento: os jogos simbólicos ou de faz-de-conta são espaços privilegiados para que a criança mobilize transformações de desenvolvimento em uma “zona de desenvolvimento proximal”, internalizando significados, papéis e normas sociais. Vygotsky (1998) avalia a brincadeira como a atividade principal da infância. Nesse cenário, ao brincar, a criança está em condição de explorar, experimentar e, ao mesmo tempo, consolidar o pensamento simbólico, a linguagem e as relações com o outro (Córdula, 2020).

Autores contemporâneos apontam para a relevância do brincar na promoção de habilidades socioemocionais, de autonomia, de criatividade e de resiliência.

Por exemplo, o relatório “Cuidadores da Primeira Infância” menciona que

“Desenvolve a criatividade, imaginação, autoconfiança, autonomia e habilidades físicas, sociais, cognitivas e emocionais, e, como um processo protetivo, pode melhorar a capacidade adaptativa e resiliência” (Lester; Russell, 2010, citado em Ministério da Saúde, Brasil, 2012).

Ulrich e Grasselli (2019) explicam que a ludicidade favorece o pertencimento e a interação entre pares, contribuindo para vínculos, cooperação e formação da identidade coletiva infantil. Para as autoras, no âmbito da Educação Infantil há um entendimento crescente de que brincar e cuidar estão intimamente interligados — o ato de brincar configura-se como parte integrante das práticas pedagógicas e do cuidado da infância.

Assim, o brincar aparece como direito da criança (Convenção sobre os Direitos da Criança, ONU, 1989) e componente estruturante da infância e, por isso, todo espaço de infância

deve reservar tempo, ambiente e acolhimento para o lúdico.

O acolhimento Institucional de Crianças: Rupturas, Perdas e Necessidades Específicas

O contexto de acolhimento institucional, ou seja, aquela medida de proteção em que crianças vivem em instituições substitutas da família, apresenta particularidades que devem ser consideradas quando se pensa no cuidado individualizado. Crianças em acolhimento são, em geral, sujeitos que viveram rupturas familiares, negligência, violência ou abandono, e que chegam à instituição com demandas afetivas, de vínculo, de identidade e de segurança interrompida. Essas experiências configuram condições de vulnerabilidade e requerem cuidados que ultrapassem a rotina convencional (Schumacher; Costa, 2023).

Neste cenário, as instituições como abrigos devem promover mais que cuidados básicos: exigem atenção a dimensões subjetivas, simbólicas e relacionais da infância. Nesse sentido, a institucionalização é assinalada como espaço de controle, disciplinamento e até docilização dos corpos infantis (Lemos; Silva, 2019).

As normas institucionais, rotinas rígidas, e a ausência de escuta singularizada podem impedir que a criança construa sentido de pertencimento, identidade e autonomia. Assim, o desafio para os profissionais de acolhimento é criar condições para o cuidado que respeite a singularidade, fortaleça vínculos e promova a subjetivação, isto é, a transformação de uma criança marcada pelo passado em sujeito ativo de sua história (Santana *et al.*, 2018).

Dentro desse quadro, o brincar assume papel ainda mais significativo quando colocado como ferramenta de cuidado individualizado para crianças em acolhimento institucional. Ele oferece um canal para expressar as vivências de maneira simbólica, para reconstruir vínculos, para promover segurança afetiva, e para desenvolver autonomia em um contexto marcado por fragilidade relacional.

Adicionalmente, o relatório do Ministério da Saúde afirma que respeitar o direito de brincar “é contribuir para a construção de uma cultura de paz, com base na harmonia e prazer da convivência” (Brasil, 2012, p. 20). Em um contexto institucional onde a rotina, o calendário e o coletivo predominam, inserir o brincar como prática constante e individualizada representa uma possibilidade de humanização do atendimento (Lemos; Silva, 2019).

A dimensão individualizada do cuidado por meio do brincar implica reconhecer que cada criança acolhida traz sua trajetória singular — suas perdas, seus medos, suas estratégias de

enfrentamento. O adulto-cuidador, ao mediar o brincar, assume uma postura de escuta, de atenção, de presença sensível ao modo como a criança se expressa por meio da brincadeira. Como destaca o artigo “A educação infantil, o brincar e o saber cuidar” de Córdula (2020): “Saber cuidar é uma condição para o pleno desenvolvimento humano ... É também cuidando, ensinando e brincando que naturalmente em ambientes salutareis e com estímulos positivos, que toda criança se desenvolve”. Logo, no acolhimento institucional, o brincar assume não apenas função pedagógica ou recreativa, mas de cuidado — no sentido ético, relacional e afetivo.

A inserção deliberada do brincar nas rotinas de instituições de acolhimento requer atenção a algumas dimensões:

1. **Reconhecimento da criança como sujeito portador de história e expressão simbólica:** quando o adulto considera o brincar como meio de expressão e não mera diversão, abre-se caminho para que a criança elabore suas vivências. Conforme o estudo de Pedroso *et al.* (2017), a brincadeira com maquetes e bonecos permitiu às crianças em abrigo deslocar para o brinquedo sentimentos e conflitos internos, ajudando-as a simbolizar e dar sentido ao que vivenciaram.
2. **Ambiente físico, temporal e relacional favorável ao brincar:** para que o brincar exerça seu papel de cuidado, é necessário que o espaço seja acolhedor, que existam momentos e materiais apropriados, e que o brinquedista se disponha a escutar. A revisão “O brincar no contexto hospitalar como estratégia de cuidado” mostra que, no âmbito hospitalar, o brincar contribui para humanizar a assistência e permitir que a criança expresse emoções e enfrente procedimentos invasivos com menor ansiedade. Analogamente, em acolhimento institucional, é imprescindível que o brincar não seja apenas “tempo livre” mas parte da rotina de cuidado.
3. **Atuação individualizada do adulto-cuidador como mediador:** embora o brincar seja livre e protagonizado pela criança, a presença do adulto sensibilizado é fundamental para que se realize o cuidado individualizado. Pedroso *et al.* (2017) destacam que os brinquedistas, afetados pela escuta psicanalítica no espaço institucional, abordam singularidades e promovem subjetivações. Isso implica que os profissionais da instituição (educadores, psicólogos, cuidadores) devem estar formados para ler a brincadeira, ou seja, para perceber os significados simbólicos nela contidos, promover alianças afetivas, garantir continuidade na relação e promover autonomia.
4. **Fortalecimento de vínculos e pertença:** em situação de acolhimento, a criança pode

sentir-se deslocada, sem laços, sem identidade clara ou sem pertencimento. O brincar possibilita construir vínculos — com pares, com o adulto cuidador, com o espaço institucional — e reforçar a sensação de pertencimento. Por exemplo, ao brincar repetidamente com o mesmo adulto ou no mesmo espaço, a criança experimenta rotina, previsibilidade e segurança, crucial para sua construção afetiva.

5. **Desenvolvimento integral: emocional, cognitivo, social e relacional;** como visto anteriormente, o brincar favorece o desenvolvimento de várias dimensões. No acolhimento institucional, onde muitas vezes o foco está em sobrevivência, rotina e controle, o brincar surge como estratégia para ampliar a forma de cuidado, promovendo autonomia, expressão, imaginação, relações de pares, e contribuindo para a reparação de perdas. Então, o brincar como ferramenta de cuidado vai além da alegria, entra na esfera de promoção de saúde mental, de construção de identidade e de fortalecimento de vínculos (Pedroso *et al.*, 2017).

Intersecção entre Cuidado Individualizado, Brincar e Institucionalização

Para articular o brincar como ferramenta de cuidado individualizado em contexto institucional, é preciso pensar nas interfaces entre cuidado, individualização e instituição.

O conceito de cuidado remete a uma ética da atenção ao outro, à responsabilidade relacional e à presença sensível. Nessa linha, o cuidar na infância significa ocupar-se, envolver-se afetivamente, responsabilizar-se pela criança como sujeito e não como objeto de “assistência”. O documento “A Educação Infantil, o brincar e o saber cuidar” enfatiza: “Saber cuidar é uma condição para o pleno desenvolvimento humano... é também cuidando, ensinando e brincando que naturalmente... a criança se desenvolve” (Córdula, 2020).

No contexto institucional, o cuidado individualizado demanda que a instituição rompa com a lógica exclusivamente coletiva, padronizada ou de guarda e passe a considerar as trajetórias afetivas de cada criança. A individualização não significa isolamento, mas atenção à singularidade: reconhecer que cada criança acolhida traz uma história, um ritmo, uma necessidade afetiva, de escuta e de pertença (Barbosa, 2017).

Nesse sentido, o brincar possibilita que essa individualização se realize, à medida que o adulto se coloca como mediador, observa a criança brincar, intervém com sensibilidade, promove alianças e adapta-se às particularidades. A instituição, por sua vez, ao estruturar tempos e espaços

para o brincar qualificado e mediado, sinaliza para a criança que ela é vista, reconhecida e valorizada.

Desafios e Implicações para a Prática Institucional

A implementação dessa proposta de cuidado mediado pelo brincar enfrenta desafios relevantes. Em primeiro lugar, as instituições frequentemente operam com recursos limitados: equipes reduzidas, infra-estrutura precária, rotinas rígidas, grupos grandes e pouca individualização. Este contexto dificulta reservar tempo, espaço e adultos para o brincar de qualidade.

Por sua vez, a brincadeira ocupa um papel central no desenvolvimento integral da criança, sendo não apenas uma atividade recreativa, mas um instrumento pedagógico, afetivo e terapêutico. Em contextos de acolhimento institucional, essa dimensão adquire ainda mais relevância, considerando que muitas crianças chegam a essas instituições com histórico de vulnerabilidade, traumas e privação de vínculos afetivos estáveis (Barbosa, 2017).

Ressalta-se que a participação de profissionais no brincar é frequentemente limitada, tanto em hospitais quanto em instituições de acolhimento, devido a fatores como falta de tempo, recursos adequados e formação específica. Essa limitação implica que a dimensão lúdica, quando negligenciada, deixa de cumprir sua função de suporte ao desenvolvimento socioemocional, cognitivo e comunicativo das crianças.

Além disso, a cultura institucional que prioriza a guarda ou a proteção física em detrimento do cuidado integral muitas vezes impede que o brincar seja incorporado como estratégia legítima de cuidado. Evidencia-se que intervenções institucionais tendem a replicar modelos de assistência burocráticos, sem considerar a trajetória e os direitos das crianças, incluindo o direito ao brincar. Isso reforça que a brincadeira não é apenas lazer, mas um meio de expressão, regulação emocional e construção de vínculos afetivos.

Adicionalmente, o brincar deve levar em conta as especificidades da infância institucionalizada: as perdas, os vínculos interrompidos, a fragilidade afetiva, o temor da mudança e a necessidade de reconstrução de referências. Desta forma, torna-se importante avaliar como a brincadeira em contexto institucional é também trabalho psíquico, ou seja, o brincar não é simplesmente recreação, mas suporte ao processo de reinserção subjetiva da criança em meio a rupturas (Barbosa, 2017).

Sendo assim, ressalta-se a importância de avaliar que o impacto do brincar como ferramenta de cuidado requer indicadores que vão além do cognitivo ou motor: é necessário observar a qualidade dos vínculos, a autonomia da criança, a segurança relacional, a capacidade de brincar com verbalização simbólica, a satisfação com o ambiente, e mudanças no comportamento emocional-afetivo. Esses indicadores podem subsidiar ajustes no cuidado e contribuir para a humanização da institucionalização.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho tem como propósito descrever de forma detalhada os procedimentos adotados na investigação do brincar como ferramenta de cuidado individualizado com crianças em acolhimento institucional, considerando o contexto empírico das Casas Lares Regional e Tejuco, vinculadas ao Programa de Atividades Lúdicas em Diferentes Contextos (PALUDICON), desenvolvido pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). O trabalho foi conduzido no segundo semestre de 2023, nas dependências da brinquedoteca do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP), situado no Campus Dom Bosco, em São João del-Rei, Minas Gerais.

Optou-se por uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória. De acordo com Minayo (2017), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados, valores e atitudes que permeiam as práticas humanas, sendo adequada para estudos que envolvem relações afetivas, comportamentais e simbólicas, como o brincar. Para Gil (2019), esse tipo de pesquisa permite captar a complexidade do fenômeno estudado, possibilitando ao pesquisador interpretar as nuances das interações sociais em contextos específicos.

Assim, a investigação não visou à quantificação de dados, mas à compreensão da dimensão subjetiva e relacional do brincar, considerando-o como uma ferramenta de cuidado individualizado no acolhimento institucional. O delineamento baseou-se em observação participante, apoiada em registros sistemáticos das atividades lúdicas realizadas no âmbito do PALUDICON.

O campo empírico da pesquisa compreendeu duas instituições de acolhimento — Casa Lar Regional e Casa Lar Tejuco — localizadas na cidade de São João del-Rei (MG). Ambas atendem crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por medida protetiva, conforme

o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.º 8.069/1990), oferecendo moradia, alimentação, apoio escolar e acompanhamento psicossocial.

Participaram crianças, com idades entre 6 e 11 anos, de ambos os sexos, residentes nessas casas lares e inseridas nas atividades do Programa PALUDICON. As crianças participavam semanalmente de oficinas lúdicas na brinquedoteca da UFSJ, sob supervisão de docentes e discentes do curso de Psicologia. Todas as crianças tinham autorização institucional e dos responsáveis legais (Conselho Tutelar e equipe técnica das casas lares) para participação nas atividades e na pesquisa.

O método de coleta adotado foi a observação participante, complementada por registro em diário de campo e notas de observação sistemática. Segundo Angrosino (2009), a observação participante permite ao pesquisador envolver-se no ambiente, compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações e captar interações de modo mais natural e contextualizado.

Durante os encontros, as crianças foram convidadas a participar de atividades diversas, como: a) jogos simbólicos e de faz-de-conta; b) brincadeiras de construção (com blocos, massinhas e materiais recicláveis); c) jogos cooperativos e de tabuleiro; d) desenhos livres e temáticos; e) leitura compartilhada e dramatização de histórias infantis.

O objetivo dessas atividades era observar as formas de expressão emocional e social das crianças e identificar o papel do brincar no processo de cuidado individualizado, considerando a mediação dos educadores e a relação entre criança e adulto durante as interações.

Além disso, foram elaboradas fichas de observação individual para cada criança, possibilitando acompanhar a evolução de suas interações, comportamentos e modos de brincar ao longo do período. Esses registros permitiram realizar posteriormente uma análise qualitativa interpretativa (Bardin, 2016), categorizando temas recorrentes como: expressão emocional, socialização, vínculos afetivos, autonomia e segurança.

Os dados foram analisados segundo o método de análise de conteúdo temática (Bardin, 2016), que busca identificar núcleos de sentido presentes nos registros observacionais. As etapas seguiram o modelo clássico: a) pré-análise: leitura flutuante dos diários e fichas, identificação de impressões iniciais; b) exploração do material: seleção de trechos significativos e categorização temática; c) tratamento e interpretação: elaboração de inferências e articulação com o referencial teórico.

As categorias emergentes incluíram: a) brincar como expressão simbólica das vivências institucionais; b) brincar como forma de vínculo e segurança; c) brincar e a mediação cuidadora; d) brincar e desenvolvimento da autonomia e pertencimento.

Entre as limitações identificadas, destaca-se o número reduzido de participantes, o que restringe a generalização dos resultados. Além disso, a duração limitada do trabalho de campo (um semestre) impediu a observação longitudinal dos efeitos do brincar no desenvolvimento emocional das crianças. Outra limitação diz respeito ao contexto institucional, que por vezes impõe restrições logísticas e normativas ao trabalho com práticas lúdicas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo visa discutir os achados do acompanhamento das crianças da Casa Lar Regional e Casa Lar Tejuco, atendidas pelo Programa de Atividades Lúdicas em Diferentes Contextos (PALUDICON), considerando o segundo semestre de 2023. A análise baseou-se nos diários de campo, observações sistemáticas das atividades na brinquedoteca e relatos de interação com as estagiárias.

Casa Lar Regional

Observou-se que a evolução do repertório linguístico das crianças esteve diretamente relacionada à frequência das atividades e à construção de vínculos afetivos com a equipe.

L apresentou progresso significativo desde a repetição de comandos rotineiros até a formulação de frases completas e participação em brincadeiras simbólicas, indicando a consolidação de habilidades linguísticas e cognitivas a partir da confiança estabelecida com a equipe. O aumento do vocabulário e o uso de nomes específicos durante passeios externos demonstram a relação entre exploração do ambiente e desenvolvimento comunicativo.

K teve uma trajetória não linear, fortemente influenciada por experiências de vulnerabilidade e trauma. A regressão temporária na linguagem e na confiança evidenciou como experiências externas podem interferir no desenvolvimento infantil, sendo o espaço da brinquedoteca um ambiente de ressignificação da segurança e estímulo à comunicação.

Y, por sua vez, apresentou avanços na comunicação verbal e no uso do simbólico, principalmente em atividades de arte e dramatização. A construção da autoimagem, trabalhada

com atenção às escolhas de fantasia e representação, também se mostrou intimamente relacionada à expressão verbal e à narrativa lúdica.

O acompanhamento das crianças evidenciou distintos padrões de interação social e manejo emocional:

L e K desenvolveram vínculos afetivos fortes com as estagiárias, o que contribuiu para a construção de segurança emocional e redução de comportamentos de choro e isolamento. A relação entre L e K destacou a importância do brincar cooperativo e da mediação adulta na resolução de conflitos e construção de regras sociais.

D apresentou dificuldade em expressar emoções negativas, revelando desafios relacionados à regulação emocional e à vulnerabilidade. Eventos específicos de frustração ou medo evidenciaram resistência ao acolhimento emocional, sugerindo necessidade de estratégias individualizadas de suporte afetivo.

M e I demonstraram comportamentos voltados à liderança e à competição, sendo a socialização mediada tanto pelo interesse em atividades coletivas como por objetos de desejo compartilhado (Beyblades e jogos). O comportamento agressivo de M pode ser compreendido à luz da ausência de perspectiva de retorno à família biológica, revelando o impacto da institucionalização prolongada sobre a regulação emocional.

N apresentou um percurso de transição de brincadeiras solitárias para interações coletivas, destacando a influência positiva da valorização de suas produções (mesas e fantasias) na autoestima e no engajamento social.

A pesquisa evidencia que o espaço lúdico atua como mediador de desenvolvimento socioemocional, oferecendo oportunidades de construção de autonomia, cooperação, resolução de conflitos e expressão afetiva.

Verifica-se que as atividades propostas favoreceram o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças: a) brincadeiras simbólicas (casinha, cozinha, dramatizações) promoveram a imaginação, habilidades de planejamento e compreensão de papéis sociais; b) atividades sensório-motoras, como manipulação de água, corridas, subida em árvores e brincadeiras com carrinhos, favoreceram o desenvolvimento da coordenação motora fina e grossa; c) a habilidade de I em manipular pilhas e acionar brinquedos demonstra cognição prática, curiosidade científica e resolução de problemas.

O padrão observado sugere que a exposição a contextos variados e desafiadores promove não apenas o aprendizado instrumental, mas também a construção de experiências significativas e autoconfiança nas crianças.

Uma das evidências mais consistentes do acompanhamento foi a associação da brinquedoteca a um espaço seguro, fundamental para crianças institucionalizadas: a) todas as crianças desenvolveram laços de confiança com as estagiárias, que atuaram como figuras de referência afetiva; b) a mediação constante das estagiárias possibilitou o manejo de comportamentos desafiadores, inclusão de crianças em atividades coletivas e promoção da autoestima; c) a intervenção lúdica contribuiu para o enfrentamento de traumas, regulação emocional e construção de repertórios sociais mais complexos.

A análise evidencia que o desenvolvimento infantil no contexto de institucionalização não é linear e depende de múltiplos fatores: tempo de institucionalização, idade de chegada, experiências traumáticas, presença de irmãos, e qualidade do vínculo estabelecido com cuidadores e mediadores.

As crianças como **L** e **N** demonstraram que a constância das atividades e a criação de laços afetivos são determinantes para a expressão plena de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Já as crianças como **K** e **Y** evidenciaram que experiências traumáticas externas impactam diretamente a evolução socioemocional e comunicativa, sendo necessário o manejo sensível e individualizado. E por fim, as crianças mais velhas (**M** e **I**) evidenciam o impacto da socialização em pares e da participação em atividades coletivas no desenvolvimento da liderança, da autonomia e da regulação de comportamentos agressivos.

O acompanhamento realizado reforça a importância de espaços lúdicos mediados por adultos em instituições socioeducativas, pois permitem o desenvolvimento integral das crianças, combinando aprendizagem cognitiva, construção de vínculos afetivos e desenvolvimento socioemocional.

Casa Lar Tejuco

A análise da participação das crianças da Casa Lar Tejuco nas atividades da brinquedoteca ao longo de 2022 e 2023 revelou diferentes trajetórias de desenvolvimento, interação e engajamento com o brincar, cada uma marcada por desafios específicos e estratégias de intervenção da equipe.

No caso de **V**, observado aos seis anos em 2023, a principal dificuldade foi a interação com brinquedos e a permanência em atividades lúdicas. Inicialmente, **V** demonstrava pouco interesse pelos objetos disponíveis, dedicando mais tempo a explorar o campus do que a participar das oficinas. Tentativas de introduzir brinquedos de interesse, como carros da Patrulha Canina, não resultaram em engajamento significativo. Diante desse cenário, a equipe estruturou atividades focalizadas, como oficinas de pintura com materiais adaptados e temas de interesse do menino. Esse modelo de intervenção mostrou-se eficaz no início, com **V** engajando-se por períodos prolongados; entretanto, a motivação diminuiu progressivamente com a repetição das atividades. Além disso, persistiram comportamentos de fuga e resistência, exigindo estratégias de manejo cuidadoso, incluindo a contenção física em situações de risco. O acompanhamento desse caso evidenciou a necessidade de constante adaptação das propostas e da implementação de rotatividade de atividades para manter o engajamento.

E, irmão de **V**, apresentou desafios distintos relacionados à atenção e à frustração. Ao longo de 2023, apesar de contar com uma equipe numerosa para conduzir as oficinas, demonstrou dificuldade em compartilhar atenção e em lidar com a frustração durante brincadeiras coletivas ou atividades que exigiam paciência. Estratégias de intervenção incluíram reforço positivo, incentivo à participação coletiva e manejo da autocobrança. Observou-se que **E** apresenta grande capacidade de afeto e vínculo, expressando carinho e reconhecimento pela equipe, o que contribuiu para a sua adaptação e maior participação em dinâmicas grupais.

O desenvolvimento de **S**, institucionalizado no final de 2022 aos quatro anos, destacou-se pela evolução gradual na comunicação e na interação social. Inicialmente resistente às aproximações da equipe, **S** passou a permitir intervenções graduais e a se envolver em brincadeiras simbólicas e coletivas. Episódios em que buscou conforto físico e emocional demonstraram a consolidação do vínculo com os estagiários e o avanço na regulação emocional.

F, também com quatro anos, apresentou comportamento calmo e boa receptividade à interação com a equipe. Sua principal característica foi a exploração breve de objetos, alternando rapidamente entre atividades, mas mantendo diálogos frequentes e afetivos com os estagiários. Acompanhada de estratégias de acompanhamento da atenção e estímulo à brincadeira livre e simbólica, **F** mostrou-se capaz de utilizar positivamente o ambiente da brinquedoteca, mantendo relações positivas e engajamento consistente, embora precisasse de supervisão quanto ao uso da atenção recebida para conquistar indulgências.

Por fim, **M**, chegada mais recente à instituição, demonstrou inicialmente deslocamento e dificuldade de comunicação durante a festa de Halloween de 2023, período de seu primeiro contato com o PALUDICON. Contudo, mesmo em pouco tempo, M conseguiu promover a inclusão de todos os colegas nas brincadeiras coletivas, contribuindo para a redução de atritos e para o fortalecimento das interações entre as crianças.

De maneira geral, os resultados indicam que o desenvolvimento do brincar na Casa Lar Tejuco depende de intervenções individualizadas, com atividades estruturadas quando necessário, acompanhamento próximo da equipe e adaptação contínua às necessidades e interesses de cada criança. Observou-se também que a interação afetiva com os profissionais e o estímulo ao brincar simbólico e coletivo são elementos fundamentais para o engajamento, o vínculo emocional e a construção de habilidades sociais

A análise da relação com a instituição demonstrou que a colaboração entre o PALUDICON e as Casas Lares foi determinante para o sucesso das atividades. A comunicação constante via WhatsApp, a realização de reuniões semestrais de *feedbacks* e o envolvimento ativo das diretoras e cuidadores em atividades festivas e projetos lúdicos consolidaram uma parceria harmoniosa, proporcionando condições adequadas para a implementação das ações e favorecendo a integração das crianças.

Já as limitações do presente trabalho incluem a natureza qualitativa dos dados, que depende da observação e registro das estagiárias, podendo estar sujeita a vieses de percepção. Além disso, a ausência de instrumentos quantitativos padronizados limita a generalização dos achados para outras instituições. A rotatividade de crianças e a diversidade de experiências traumáticas individuais também dificultam a comparação direta de trajetórias de desenvolvimento.

Direções futuras de pesquisa sugerem a inclusão de métodos mistos, combinando observações qualitativas com avaliações padronizadas de desenvolvimento infantil, a análise longitudinal das trajetórias de crianças institucionalizadas e o estudo do impacto da formação e estabilidade da equipe mediadora sobre os resultados. Também é relevante investigar estratégias específicas de intervenção para crianças com experiências traumáticas, considerando a personalização das atividades lúdicas e a ampliação da participação familiar quando possível.

Os resultados confirmam que ambientes lúdicos mediados por adultos, quando articulados a uma relação institucional colaborativa, desempenham papel crucial no desenvolvimento integral das crianças institucionalizadas, promovendo avanços significativos em linguagem,

cognição, regulação emocional e sociabilidade. A experiência do PALUDICON evidencia a importância de integrar práticas educativas, afetivas e recreativas no cuidado institucional, contribuindo para o aprimoramento das políticas e programas voltados à infância em situação de vulnerabilidade.

CONCLUSÃO

O presente artigo evidenciou que a participação das crianças da Casa Lar Regional e da Casa Lar Tejuco nas atividades do Programa de Atividades Lúdicas em Diferentes Contextos (PALUDICON) promoveu avanços significativos em múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil, incluindo linguagem, cognição, motricidade, regulação emocional e habilidades sociais. Os resultados demonstram que o vínculo afetivo com mediadores e a criação de um espaço seguro e estruturado são determinantes para o engajamento, a expressão de habilidades e a construção de repertórios sociais mais complexos.

A análise também reforça a importância da interação harmoniosa e colaborativa com as instituições, evidenciada pela comunicação constante, flexibilidade organizacional e envolvimento ativo da equipe das Casas Lares. Essa parceria mostrou-se essencial para a implementação eficaz das atividades e para a adaptação das intervenções às necessidades individuais das crianças.

Por fim, o trabalho contribuiu para a compreensão do papel dos ambientes lúdicos mediados por adultos no desenvolvimento integral de crianças institucionalizadas, destacando que intervenções personalizadas, aliadas à constância de vínculos afetivos e à cooperação institucional, podem favorecer não apenas habilidades cognitivas e sociais, mas também a ressignificação de experiências traumáticas.

A parceria estabelecida entre o PALUDICON e as Casas Lares demonstrou-se sólida, harmoniosa e pautada no respeito e na cooperação mútua. Desde a elaboração do atendimento até a execução das atividades na brinquedoteca, a comunicação constante e eficiente, principalmente via WhatsApp, possibilitou ajustes ágeis em horários, cronogramas e estratégias de intervenção, garantindo o alinhamento entre a equipe do programa e as diretoras das instituições.

As reuniões presenciais de feedback semestrais se mostraram instrumentos essenciais para a integração e o planejamento das ações, permitindo a troca de informações detalhadas sobre o desenvolvimento das crianças, suas particularidades e contextos de institucionalização. Esse

diálogo contínuo entre a experiência das estagiárias e o conhecimento cotidiano das diretoras e funcionários fortaleceu a compreensão das necessidades individuais e coletivas, orientando intervenções mais adequadas e eficazes.

Em síntese, o sucesso das atividades do PALUDICON esteve fortemente associado à qualidade da relação com as Casas Lares, evidenciando que parcerias baseadas na confiança, na comunicação aberta e no comprometimento institucional são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças e para a implementação de projetos socioeducativos em contextos de institucionalização.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (2016). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BARBOSA, A. P. S. (2017). **O brincar como possibilidade de desenvolvimento infantil em acolhimento institucional**. (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília. Brasília.

BRASIL. (2009, 11 novembro). **Resolução CNAS n.º 109/2009 – Tipificação nacional de serviços socioassistenciais**. Diário Oficial da União.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2012). **Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde.

CÓRDULA, E. B. L. (2020) A Educação Infantil, o brincar e o saber cuidar. **Revista Educação Pública**. v. 20, n. 44, Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/a-educacao-infantil-o-brincar-e-o-saber-cuidar>. Acesso em: 4 nov. 2025.

GIL, A. C. (2018). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed., São Paulo: Atlas.

LEMOS, I. C., Silva, R. B. F. (2019). Cuidado de crianças em acolhimento institucional: relações afetivas e dimensão temporal. *PSI UNISC*, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p.173-191, jan./jun. Disponível em: <https://online.unisc.br>. Acesso em: 91 nov. 2025.

MINAYO, M. C. S. (2017). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed., São Paulo: Hucitec.

PEDROSO, J. S.; Lobato, C. P., Magalhães, C. M. C. (2016). Brincar e realidade: verbalizações de crianças em situação de acolhimento institucional. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 711-721. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i4.31806> . Acesso em: 01 nov. 2025.

SANTANA, A. M., ALVES, L. N., Rodrigues, R. C. P. A., Martins-Monteverde, C. M. S. (2018). A importância do brincar com as crianças institucionalizadas e a atuação da terapia

ocupacional. **Ling. Acadêmica**, Batatais, v. 8, n. 4, p. 43-61, jan./jun.

SCHUMACHER, J., Costa, R. S. (2023). Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: reflexões teóricas e desafios presentes. **Cadernos de comunicação UFSM**. n.1, v.27, p.1-22, Mai./Ago. Disponível em: doi 10.5902/2316882X74954. Acesso em: 01 nov. 2025.

ULRICH, C. B., Grasselli, M. R. A. (2019). Cuidar, brincar e educar na educação infantil: educação para a paz – aprender a respeitar a diversidade. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 492-507. mai./ago. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br>. Acesso em: 01 nov. 2025.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes.